

JAN 14, 15 e 16

BEETHOVEN 250



**TEMPORADA OSESP 2020  
CONCERTOS SINFÔNICOS**

14.1 quinta 20H30 PAU-BRASIL  
15.1 sexta 20H30 SAPUCAIA  
16.1 sábado 16H30 JEQUITIBA

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - OSESP**  
**THIERRY FISCHER** REGENTE  
**ALEXANDRE THARAUD** PIANO  
**EMMANUELE BALDINI** VIOLINO

**MAURICE RAVEL** [1875-1937]  
*Alborada del Gracioso* [1904-05, orquestração 1918]  
7 MIN

*Concerto para Piano em Sol Maior* [1929-31]

1. ALEGREMENTE
2. ADAGIO ASSAI
3. PRESTO

23 MIN

*Tzigane - Rapsódia para Violino e Orquestra* [1924]

10 MIN

*Bolero* [1928]

16 MIN

**RAVEL *Alborada del Gracioso***

A *Alborada del Gracioso* (algo como *Canção Matinal do Bobo da Corte*) faz parte da suíte para piano *Miroirs*, em que cada movimento foi dedicado a um membro do grupo de artistas *Os Apaches*, ao qual Ravel pertencia. Foi orquestrada pelo próprio compositor, 14 anos mais tarde, seguindo a trajetória comum das suas peças do gênero, que em sua maioria foram gestadas para piano solo. A extrema aptidão de Ravel para a orquestração fez com que os arranjos resultassem em peças inteiramente novas e de idiomatismo sólido, que exploram todos os instrumentos e suas interações de maneira magistral, às vezes até mesmo mudando ou expandindo o caráter da peça original e superando-a em sutileza e impacto.

Os movimentos da *Suíte* acabaram adquirindo vida independente, sendo a *Alborada* um dos mais apreciados, tanto na versão solo quanto na orquestral. A estreia desta última se deu em 1919, em Paris. Nessa peça de aparente bonomia, perfeitamente coerente com as funções de um bobo da corte (que, sob a desculpa de entreter, podia se dar ao luxo de fazer críticas a seu patrão), Ravel recorre a suas origens básicas. Utiliza ritmos característicos da Andaluzia e o som das castanholas mesclados a contrastes vívidos, harmônicos nas cordas, *pizzicatos* que remetem aos rasqueados da guitarra flamenca e golpes de arco rasqueados, como *staccato* e *collegno*. *Alborada* abre e fecha com danças eletrizantes, parênteses de uma canção doce e danosa introduzida pela voz melancólica do fagote, que parece prantejar alguma perda irreparável. E, se a inspiração e o brio são inconfundivelmente ibéricos, não há como deixar de perceber a leve e sofisticada veia francesa que infunde a música de um caráter único.

**RAVEL *Concerto para Piano em Sol Maior***

Depois de experimentar a música da Europa central, em *Tzigane*, Ravel voltou os olhos (e ouvidos) para um gênero que, vindo do novo mundo, começava a ter ampla aceitação. Foi durante sua *tournee* vitoriosa nos EUA que começou a delinear o *Concerto para Piano*, em que o objetivo era amalgamar as virtudes da música erudita e do jazz. Era o desejo de Ravel vir a solar a peça, mas infelizmente seu estado de saúde não permitiu que isso acontecesse. Já sentia então os sintomas da doença neurológica que, de 1932 até sua morte, o impediu de escrever e até mesmo de falar com clareza. O *Concerto* foi estreado por Marguerite Long [1874-1966], com o compositor na regência, e caiu imediatamente nas graças do público.

Ravel se opunha à estética exagerada e derramada dos concertos românticos que dominavam os palcos, e sua proposta era uma música viva, maliciosa, "brilhante e leve, sem pretensão à profundidade ou a efeitos dramáticos". Seu *Concerto* era, portanto, uma espécie de declaração de princípios. E que bela declaração! O resultado é uma das mais admiráveis criações do compositor francês. Sua escrita é despojada, borbulhante, e brinca com os temas, passados de um instrumento para outro com *joie-de-vivre*. Flexível, engraçado, "sexy", o *Alegremente* parece convidar o ouvinte para um ambiente ensolarado e festivo.

No *Adagio assai*, é o lirismo genuíno que tem papel de destaque. O piano começa e permanece um longo tempo sozinho, com uma melodia bachiana, enganadoramente singela. Esta se desenvolve depois sobre um acompanhamento ondejante, criando um efeito de liberdade rítmica cativante. Enquanto na transparência evoca a música de Bach e de Mozart, e no vigor rítmico relembra os russos, Ravel estabelece aqui uma linguagem totalmente pessoal e original.

Com o *Presto*, o espírito brincalhão do início retorna, superpondo temas conjetantes com habilidade e elegância. O piano se engaja em uma conversa bem humorada com a orquestra, na qual todos parecem estar perfeitamente à vontade com o duplo sentido do verbo *jouer* (tocar e brincar). É surpreendente sabermos que a música de Ravel, que sempre soa espontânea, não era fruto de inspiração fácil. Ravel compunha com lentidão, e reclamava do esforço que lhe custavam as ideias aparentemente tão naturais.

**RAVEL *Tzigane - Rapsódia para Violino e Orquestra***

Ainda que não seja uma composição feminina, *Tzigane* deve sua existência a uma mulher, a húngara Jelly Arányi de Hunyadvár [1893-1966], sobrinha-neta do célebre violinista Joseph Joachim [1831-1907]. Era uma jovem brilhante, que estudara com Jenő Hubay, e tinha o público europeu a seus pés. Os músicos também lhe prestavam homenagem: era bela, inteligente e tinha total domínio do instrumento. Exímia intérprete do repertório tradicional, Jelly estava totalmente aberta a novas ideias.

Muitas obras importantes do século passado lhe foram dedicadas, entre as quais o *Concerto Accademico* de Ralph Vaughan Williams e o *Concerto Duplo* de Gustav Holst. Tocava fluentemente com as irmãs, a violinista Adila e a pianista Hortense, igualmente extraordinárias. Fez parceria com Pablo Casals e com Béla Bartók, que lhe dedicou suas sonatas para violino e piano, apresentadas em Londres em 1922. Foi nessa apresentação que Ravel a ouviu pela primeira vez. Reza a lenda que depois do concerto Jelly teria tocado melodias ciganas para o compositor até as 5hs da manhã. O fato é que foi sob a inspiração deste encontro que surgiu *Tzigane*.

A peça ficou dois anos para ser gestada. A versão original foi escrita para violino e piano com *luthéal*, uma espécie de mecanismo que, encaixado ao piano, permite alterar seu timbre. A intenção de Ravel era imitar a sonoridade do *cimbalom*, instrumento de teclado usado pelas bandas de ciganos húngaros. Jelly recebeu a partitura apenas dias antes da estreia, mas dominou com facilidade suas inúmeras armadilhas técnicas e obteve merecido sucesso. Ravel se sentiu então animado a escrever a versão orquestral da obra.

*Tzigane* começa com uma longa cadência no violino, semelhante às executadas de improviso pelos violinistas ciganos de Budapeste. Quando a orquestra entra, é totalmente subordinada à voz solista, e serve para lhe realçar as qualidades. O material não cita qualquer canção cigana específica, mas tem um estilo geral que imita a música dos instrumentistas húngaros, num feito virtuosístico e romântico reminescente de Paganini e Sarasate, em que a partir da exposição insinuante e ligeiramente dolente do início vão se acumulando fogos de artifício musicais com temperos exóticos, em melodias cada vez mais intrincadas e empolgantes.

**RAVEL *Bolero***

Curiosamente, o célebre *Bolero* de Ravel também não teria sido composto se não fosse por uma mulher, a atriz e dançarina russa Ida Rubinstein [1885-1960], que lhe encomendou uma peça de sabor espanhol para ser dançada por ela. Inicialmente, Ravel pensou em seguir a sugestão de Ida e simplesmente orquestrar seis movimentos da *Suíte Iberia*, de Albeniz, que lhe era particularmente cara. Chegou a começar a tarefa, quando descobriu que já havia um arranjo feito pelo maestro Enrique Fernández Arbós, e os direitos autorais da *Suíte* impediam uma segunda versão.

Ravel pensou então em orquestrar alguma de suas próprias composições, o que, excelente arranjador que era, teria sido uma solução cômica. Mas uma ideia começou a crescer em sua mente. E essa ideia era quase uma brincadeira: utilizar um único tema sensual e repeti-lo com ligeiras modificações pelos vários instrumentos da orquestra, sem se fiar em contrastes ou temas secundários. Haveria um adensamento gradual na textura, e sobre um hipnotizante *ostinato* de caixa clara as reiterações seriam levadas até o limite da insistência, terminando em *finale* apoteótico. De fato, o *Bolero* não tem propriamente um desenvolvimento formal, e captura a atenção do ouvinte por acúmulo de tensão. O desafio é conseguir manter esta tensão constante, ao mesmo tempo oferecendo pequenas centelhas de informações novas que impeçam que o cérebro "desligue" antes da última nota.

Ravel não tinha maiores pretensões para o *Bolero*, e acreditava que a maior parte das orquestras se nerm daria ao trabalho de tocá-lo. No entanto essa se tornou sua obra mais famosa e uma das mais conhecidas peças orquestrais de todos os tempos. Na verdade, mesmo para quem já conhece o truque, é impossível resistir ao crescendo mesmerizante desta partitura, que mais do que um "experimento limitado", um "tecido orquestral sem música" (nas palavras do próprio compositor) é uma demonstração do poder visceral que a música pode exercer ao engajar a mente e o ouvido do público simplesmente manipulando sua imaginação.

Laura Rónai  
É doutora em Música, responsável pela cadeira de Flauta Transversal na Unirio e professora no programa de pós-graduação em Música. É também diretora da Orquestra Barroca da Unirio

Thierry Fischer regente  
Diretor Musical e Regente Titular da Orquestra Sinfônica de Utah, Regente Convidado Principal da Filarmônica de Seul e Regente Convidado Honorário da Filarmônica de Nagoya. Tendo iniciado sua carreira como Primeiro Flauta da Filarmônica de Hamburgo e da Ópera de Zurique, já regeu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos camerísticos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble Intercontemporain.

Emmanuele Baldini  
Spalla da Oseps desde 2005 e Primeiro Violino do Quarteto Oseps desde 2008, o italiano formou-se no Conservatório de Genebra, aperfeiçoando-se em Berlim e Salzburgo. Mais recentemente, sua dedicação à regência o levou a se aprimorar com Isaac Karabtshevsky e Frank Shipway. Como regente, destacam-se concertos no Teatro Colón, de Buenos Aires, no Teatro del Sadre, de Montevideu, da própria Oseps e apresentações com as principais orquestras da América Latina. De 2017 a 2020 foi Diretor Musical da Orquestra de Câmara de Valdivia, no Chile, e é Diretor Artístico da Orquestra de Câmara Sphaera Mundi, de Porto Alegre.

Alexandre Tharaud piano  
Última vez em recital em setembro de 2012  
O pianista francês já se apresentou com as Orquestras de Paris, Nacional da França, do Centro Nacional das Artes (NAC) em Ottawa, a Sinfônica da BBC Escocesa, a Orquestra Beethoven em Bonn, as Orquestras de Câmara de Zurique e Les Violons du Roy, entre outras, além da Oseps. Artista exclusivo da Erato Records, possui uma discografia de mais de 25 álbuns. Como recitalista, apresenta-se em salas como a Philharmonie (Paris), Kings Place (Londres) e Alte Oper (Frankfurt).

<b>ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO</b> DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR <b>THIERRY FISCHER</b>	CLARINETES <b>OVANIR BUOSI</b> NIVALDO ORSI DANIEL ROSAS GIULIANO ROSAS
<b>VIOLINOS</b> <b>DAVI GRATON</b> SPALLA* <b>YURIY RAKEVICH</b> MATTIEU THORPE ALEXEY CHASHNIKOV AMANDA MARTINS CRISTIAN SANDU DEBORAH DOS SANTOS FLORIAN CRISTEA GHEORGHE VOICU INNA MELTSEY IRINA KODIN KATIA SPASSOVA LEANDRO DIAS SOPHIA LANDIM SUNG-EUN CHO SVETLANA TERESHKOVA TATIANA VINAGRODOVA	<b>FAGOTES</b> <b>ALEXANDRE SILVÉRIO</b> ROMÉU RIBEIRO CONTRAFAGOTE FRANCISCO FORMIGA
<b>VIOLAS</b> PETER PAS MARIA ANGÉLICA CAMERON ANDRÉS LEPAÛE DAVID MARQUES SILVA EDERSON FERNANDES OLGA VASSILEVICH	<b>TROMPETAS</b> <b>FERNANDO RIGGINI</b> PERCUSSÃO MARCELO MATOS JOSE COSTA FILHO NIKOLAY GENOV EDUARDO MINCZUK
<b>VIOLONCELOS</b> HELOISA MEIRELLES DOUGLAS KIER JIN JOO DDI MARIA LUISA CAMERON MARIALBI TRISOLIO REGINA VASCONCELOS	<b>TROMBONES</b> <b>DARCIO GIANELLI</b> ALEX TARTAGLIA
<b>CONTRABAIXOS</b> <b>PEDRO GADELHA</b> MARCO DELESTRE ALEXANDRE ROSA ALMIR AMARANTE CLAUDIO TOREZAN	<b>TROMBONE BAIXO</b> <b>DARRIN COLEMAN MILLING</b>
<b>HARPA</b> <b>LIUBA KLEVTSOVA</b>	<b>TUBA</b> <b>FILPE QUEIRÓS</b>
<b>FLAUTAS</b> <b>CLAUDIA NASCIMENTO</b> FABIOLA ALVES RODRIGUEZ LINCOLN SENAI**	<b>PERCUSSÃO</b> <b>ANTONIO CARLOS LOPES JR.</b> * MARCELO MATOS JOSE COSTA FILHO NIKOLAY GENOV EDUARDO MINCZUK
<b>OBÓDES</b> <b>JOEL GÍSISER</b> NATIAN ALBUQUERQUE JR. CORRE INGLÊS RICARDO BARBOSA	<b>TECLADOS</b> <b>OLGA KOPYLOVA CELESTA</b>

<b>GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO</b> GOVERNADOR <b>JOÃO DORIA</b> SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO SECRETÁRIO SERGIO SÁ LEITÃO SECRETARIA EXECUTIVA CLÁUDIA PEDROZO	<b>FUNDAÇÃO OSESP</b> PRESIDENTE DE HONRA <b>FERNANDO HENRIQUE CARDOSO</b> CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE <b>PEDRO PULLEN PARENTE</b> VICE-PRESIDENTE <b>STEFANO BRIDELLI</b> CONSELHEIROS ANA CARLA ABRÃO CELIA PARNES ENEIDA MONACO HELIO MATTAR JAYME GARFINKEL LUIZ LARA MARCLO KAYATH MARIO ENGLER MÔNICA WALDVOGEL PAULO CEZAR ARAGÃO PÉRSIO ARIDA SERGIO SUCHODOLSKI TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS DIRETOR EXECUTIVO <b>MARCELO LOPES</b> DIRETOR ARTÍSTICO <b>ARTHUR NESTROVSKI</b> SUPERINTENDENTE <b>FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA</b>
---	--